

Uma conspiração na Bahia

A historia brasileira está cheia de episodios desconhecidos que vão surgindo á luz da publicidade á medida que os archivos vão sendo esquadrihados pelos estudiosos. Um desses episodios acaba de ser exposto pelo director do Archivo Publico da Bahia no segundo volume da interessante publicação que, sob a direcção do mesmo dr. F. Borges de Barros e com o titulo de "Annaes", entrou a sahir regularmente no anno findo. O dr. Borges de Barros como que se encarrega elle só de encher os volumes: neste segundo por exemplo encontra-se, de pag. 1 a 115, um esboço chorographico da Bahia que me pareceu de merecimento. Elle é tambem quem se occupa da conspiração occorrida na Bahia em 1798 e tragicamente recontada no anno immediato pelo supplicio de alguns dos principaes implicados, enforcados por ordem de um homem aliás crebro e bondoso, que era d. Fernando José de Portugal, futuro ministro de dom João VI e marquez de Aguiar, então governador da capitania.

Essa conspiração era de todo ignorada e os que se interessam pelas coisas do nosso passado devem agradecer ao erudito bahiano o tel-a revelado. Porque ficou ella assim no esquecimento? Talvez porque a gente que nellá andou mettida não era gente de consequencia — um bardo alfaiate, João de Deus do Nascimento, um soldado, Luiz Gonzaga das Virgens, outros pelo es-cylo. Mas, a darmos credito aos papeis sediciosos que foram encontrados, havia bom numero de cúmplices na penumbra. Um aviso ao povo "bahinense", de que estava para chegar o tempo feliz da Liberdade em que seriam todos irmãos e iguaes, dava a somma de 676 daquelles que se communicavam, isto é, que conspiravam, sendo 34 officiaes de linha, 54 de milicias, 11 homens graduados em postos e cargos, 8 do commercio, 13 das letras, 39 frades, 48 clerigos e assim por diante.

Tudo isso se dispersou antes de serem affixadas as proclamações, o que estava marcado para a manhan de 12 de Agosto de 1798. As bases da conspiração tinham sido assentadas em 23 de Julho, mas denunciou-a um padre capellão, José da Fonseca Neves. A perseguição alcançou aquelles populares e mais um professor de grammatica das Minas do Rio de Contas, Francisco Moniz Barreto, que se defendeu desesperadamente nos interrogatorios e logrou ser absolvido, posto que tendo feito bastante serviço de propagandista.

A propaganda não se podia então, é claro, fazer pela imprensa, e havia que ser feita verbalmente, passando as noticias de bocca em bocca. Ora, segundo lembra o dr. Borges de Barros, as noticias vindas do Rio de Janeiro pelos veleiros da cabotagem e as vindas de Minas Geraes pelo "S. Francisco", e dahi pelos aventureiros que revolviam as catas de Jacobina e os depositos de salitre nas proximidades da passagem do Joazeiro, eram noticias de exaccões e de preiudios de resistencia.

Entretanto, informa-nos o director do Archivo Publico da Bahia que manuscritos alli existentes e que elle seguramente irá publicando, relatam que em Jacobina e no Rio de Contas os povos repelliam até violentamente as extorsões fiscaes da corôa, tendo sido muitos os motins suffocados em sangue, sem que nada transpirasse, "para que se evitasse algum borborinho na cidade da Bahia. Os tropeiros que traziam o ouro, cozido em "borrachas de couro", em cujas boccas se affixavam as armas reaes, recebiam ordem expressa de não se referirem a taes successos sob pena de morte."

Outro tanto acontecia em Minas do Rio de Contas e o professor Moniz Barreto, vindo em 1797 a São Salvador, relatou taes factos e entrou na conspiração urdida pelo pardo Nascimento, de quem o dr. Borges de Barros elogia em extremo "o animo decidido, a clarividencia de espirito e a integridade de caracter." Vê-se que a conspiração bahiana de 1798 não chegou a ser uma revolução pernambucana de 1817 porque não rebentou, mas foi alguma coisa mais do que a conspiração mineira de 1789. Havia mais trabalho feito, havia mais do que conversas patrioticas.

Os conspiradores contavam sobretudo com a tropa, cujo soldo ia ser elevado ou promettia ser elevado a 200 réis diarios, o que era muito. Com o clero conta em parte: varias proclamações em projecto rezavam que "o Povo Bahinense Republicano ordena manda e quer que para o futuro esja feita a sua Dignissima revolução nesta Cidade e seu termo: por tanto manda que seja punido com pena de morte natural para sempre todo e qualquer padre que no pulpito, confessionario, exhortação por qualquer modo, formas, maneiras, etc. persuadir aos ignorantes e fanaticos o contrario da Liberdade e bem do povo; outrosim, o padre que concorrer para a fruição, e liberdade será reputado condigno condignidade." O prior dos carmelitas lescaldão devia ser dos carmelitas lescaldão. O prior dos carmelitas lescaldão devia ser dos carmelitas lescaldão. O prior dos carmelitas lescaldão devia ser dos carmelitas lescaldão.

A phraseologia vinha de França: a misturada é que era "bahinense". Tomavam ao sério os pobres conspiradores o dogma da soberania popular e chamavam ao rei indigno Corôado com duas maiusculas. A liberdade elles assim a definiam: "Consiste no estado feliz, no estado livre do abatimento; he a doçura da vida, o descanço do homem com igual paralelo de huns para outros; he o repouso e bem-aventurança do mundo." Contavam com a França, explicando: "a França está cada vez mais exaltada, a Allemânia já lhe dobrou o belho, Castella só aspira a sua aliança, Roma já vive anexa, o Pontifice já está abandonado e festerrado, o rei da Prussia está resso pelo seu proprio povo: as acções do mundo todas tem seus olhos fixos na França."

Não deixavam de andar informados do que se estava passando na Europa e é natural que seus olhos se volvessem para a França. Dos lepolventos consta que liam as Ruínas" de Volney, livros dos de Rousseau — Jean Jacques e Jean Baptiste — e discursos de convençoes.

Estes, e trechos poeticos, e trechos de prosa da moda nova eram traduzidos e andavam de mão em mão entre os conluados. Um doutor que fallecera deixara muita des-

sa herança, posta em valôr pelo professor e seus associados.

Ao acervo dessa revolução pertence um caderno manuscrito, contendo um discurso de Betsy d'Angliers sobre a politica exterior da Convenção e os principios do povo francez. Vale a pena rele-lo. O corajoso orador, que era de facto um homem valente entre tantos de alma covarde, trata a politica de Vienna de ambiciosa e dissimulada, qualifica a Russia de colosso com pés de barro, denuncia o machiavelismo inglez, inimigo do commercio neutro, e assim defende a sua França:

"Por tres annos a humanidade tem gemido, e soffrido; por tres annos a Europa tem sido inmundada de sangue, e o povo opprimido de tributos; este insensato desejo de repartir, ou fazer escrava a França he evidentemente o pretexto de todos estes males; e quando huma parte dos nossos inimigos desanimada pelos nossos successos, ou instruida pella experiencia parece desejar que a terra respire, quando o povo indignado pelas calamidades com que elle he opprimido parece em toda parte mandar aos seus governos que ponham fim e limite aos horrores da guerra, alguns cruéis e velhacos politicos os persuadiram que nós somos os unicos insensíveis a esses gritos da Humanidade soffredora, que nós somos os unicos sequiosos do seu sangue, que nenhuma paz comnosco pôde ser segura ou honrosa, que a continuação da guerra lhes é vantajosa, e finalmente esta absurda contradicção, que d'huma parte a nossa soberbia e a nossa ambição são assaz formidaveis para se tratar comnosco, e da outra, quanto os nossos esforços tem-nos exaurido assaz para prometter esperanças de successos certos, continuando-se a contestação. Nós devemos, cidadãos, em respeito á humanidade, expôr estas contradicções responder a estas calumnias, abrir todos os olhos, desmascarar aquelles governos maxavelisticos que divertindo-se com o sangue dos homens, com a fortuna do povo, pretendem estabelecer huma grandeza colossal sobre a ruina das potencias principaes da Europa."

Como é sabido, no fim do seculo XVIII a coalisção européa era contra a França.

Parnamirim, março de 1918.

Oliveira Lima